

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
27 de setembro de 2025

Ballade pour un homme seul / 1968

Um filme de LIONEL SOUKAZ

Realização: Lionel Soukaz / Direção de fotografia: Lionel Soukaz / Montagem: Gerard Cairaschi. / Com: Pascal Gaétan.

Produção: Jacques Miège, Lionel Soukaz / Cópia: DCP, colorida, sem diálogos / Duração: 18 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Lolo Mégalo blessé en son honneur / 1974

Um filme de LIONEL SOUKAZ

Realização: Lionel Soukaz / Com: Lionel Soukaz.

Cópia: DCP, colorida, sem diálogos / Duração: 17 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Maman que Man / 1982

Um filme de LIONEL SOUKAZ

Realização: Lionel Soukaz / Argumento: Lionel Soukaz / Direção de fotografia: Jérôme de Missolz / Montagem: Jean-Loup Chirol / Som: Patrick Genet, Dominique Lambert / Efeitos especiais: Philippe Nguyen Duc / Com: Didier Hercend, Luc Bernard, Marie Thonon, Copi, Jean-Louis Jacopin, Sabine Morellet, Emmanuel Schaeffer.

Produção: Jean-Denis Bourgoin / Produtoras: Les Films du Rhinocéros, Littles Sister Production / Cópia: DCP, colorida, falada em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 48 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Nesta sessão do ciclo «A Cinemateca com o Queer Lisboa: Lionel Soukaz» podemos tomar como mote o *slogan* «Les homos ont choisi la liberté», usado nas celebrações da descriminalização da homossexualidade em França, em 1982 – esta tinha sido (re)criminalizada pelo regime de Vichy, durante a Segunda Guerra Mundial, e só 40 anos depois é que o presidente François Mitterrand promove a sua revogação. O trabalho de Lionel Soukaz, sempre um gesto ativista e de rebeldia, resulta num cinema da autobiografia e do desejo, em busca constante de uma liberdade (pessoal e cinematográfica) que foi muitas vezes reprimida. Esta sessão de curtas-metragens é marcada por esses eixos. Os dois primeiros filmes, **Ballade pour un homme seul** e **Lolo Mégalo blessé en son honneur**, apresentam-se como propostas particularmente contemplativas, sendo **Maman que Man** uma ficção dramática que se situa no domínio do experimental.

Em **Ballade pour un homme seul**, o seu primeiro filme, Lionel Soukaz (que assina Lionel Laurent) filma um jovem rapaz que se aventura natureza adentro, afastando-se cada vez mais da cidade, da

poluição e da industrialização. Sem som ou diálogos, funciona por ser uma evocação de infância, de um amigo que era vizinho e de uma descida por uma colina. Estamos a regressar a um «antes», a regressar a uma memória do passado, a regressar a um tempo idealizado sem cidades e sem betão. O nosso protagonista interna-se plenamente na natureza, dando saltos e piruetas, correndo ao som de música imaginada, fundindo-se com o meio envolvente. Os riscos e o grão da imagem dão um toque impressionista ao filme que o faz parecer um quadro, com as cores a esborratarem-se, perturbando a sua nitidez. Conferem-lhe, assim, um ambiente onírico, ideal para este bailado que é a expressão de uma completa liberdade no meio natural. Até que o jovem cai ao chão no fim da descida de uma colina. Talvez a descansar ou talvez extinguido, como uma chama.

Lolo Mégalo blessé en son honneur é o «coming-out» de Soukaz, segundo o próprio em entrevista. Um filme sobre uma afirmação de identidade, com um metafórico e literal abrir da janela para algo novo, aqui espelhado de duas formas: por um lado, o destapamento de uma potencial janela removendo as placas que a cobriam; por outro lado, o revelar de um lado feminino, que se solta no sossego da noite. Com 20 anos, o realizador coloca-se em frente à câmara, num desfilar de cenas quotidianas onde o telefone (que regressará em **Maman que Man**) e a televisão (bem como as figuras políticas dos presidentes Nixon e Giscard) são presenças constantes. O descobrir desse lado feminino é retratado como a exposição da vulnerabilidade do corpo e uma expressão identitária que é também um gesto de rebeldia, de reivindicação de espaço para ser. Uma revelação que pode existir também porque há tempo e lugar para ela, proporcionada pela sua palpável solidão.

Maman que Man é o menos contemplativo e o mais áspero dos filmes desta sessão, não deixando de possuir doçura ou melancolia. O protagonista Laurent (apelido que Lionel Soukaz usou para assinar **Ballade**) vive um momento desolador, pois a mãe está a morrer de cancro. Para se abstrair do inevitável, deixa-se seduzir e conquistar, esquece-se numa relação com um homem um pouco mais velho que diz ter dinheiro e contactos e que o pode ajudar a singrar no mundo do cinema. Os dois envolvem-se – o plano do beijo, o desenho dos dois no ecrã, no meio do fumo, tão marcante como delével – e Laurent decide fugir com ele e deixar a mãe, que abnegadamente lhe dá dinheiro e insiste com o filho para que viva a sua vida. A ausência e a rejeição do amante levam-no a uma espiral que termina em tragédia. O filme é pontuado, em certos momentos, por uma montagem que se repete, como um disco riscado, com *freeze frames* ou recuos na ação, insinuando que o tempo funciona de um modo cíclico – como quando o amante é visto com alguém novo na sua mira. Outro jogo do filme é a montagem que mescla a narrativa do filme e momentos de *drag performance* ao som de músicas que funcionam de modo metafórico: «Do You Remember» de Eartha Kitt («In every girl's life, there's always a man. A man she never forgets»); «Big Spender», que surge na descida ao inferno de Laurent, já abandonado pelo amante; ou «This Is the Beginning of the End», de Dorothy Lamour, a ditar o desfecho. O filme termina com «Ce n'est pas toujours drôle, le cinéma», de Eddie Constantine, porque a vida é tragédia, mas também é melodrama.

Ana Cabral Martins